

A sucessão no DF

Olímpio de Melo

Certa vez, o jornalista Oliveira Bastos entendeu de interpretar o fenômeno de alardeada inclinação oposicionista do eleitorado de cidades cujos habitantes ascendem aos milhões. Para ele, nada mais natural, pois as cidades grandes acumulam problemas de tal ordem, que na verdade se tornam insolúveis. Nova York, São Paulo, por exemplo, demandam recursos imensos para atendimento de suas necessidades correntes. E seria inconcebível o volume exigido por um projeto ideal, apto a resolver por completo as questões metropolitanas. O orçamento do estado e mesmo do país, totalmente aplicado nesse intento, talvez fosse insuficiente.

Chegou, então, OB a uma tese revolucionária: as populações de semelhantes aglomerados urbanos deveriam votar somente para prefeito. Faltar-lhes-iam serenidade e perspectiva para escolher governador, presidente. Absortas em seu universo, jamais reconheceriam méritos de alguém em âmbito estadual ou nacional. Quanto a seu próprio administrador, seria sempre execrado, sem a menor possibilidade de, um dia, retornar ao poder municipal.

Em Brasília, porém, o quadro é outro. Embora não se trate de megalópole, já abriga o Distrito Federal quase dois milhões de pessoas, a maior parte delas satisfeita com o seu governante. Do primeiro a este quarto ano de um mandato conquistado nas urnas, Joaquim Roriz conta com a solidariedade da maioria dos brasilienses. Pudesse pleitear a reeleição, o povo, com certeza, o reconduziria ao Buriti. Não podendo, deve sucedê-lo quem tem seu apoio e com ele se identifica: Valmir Campelo.

Só não admite a força da candidatura Valmir quem é jejuno nas coisas de Brasília. Tudo lhe favorece e vai além do impor-

tante posicionamento de Roriz. Seu passado o recomenda, desde os tempos da Fundação do Serviço Social, quando ainda bem moço era o segundo no comando executivo de um dos órgãos mais ágeis do complexo administrativo do Distrito Federal na década de 60. Daí em diante cumpriu um aprendizado minucioso e graduou-se em Brasília, em DF. Seu presente, como senador, depois de haver permanecido um quadriênio na Câmara dos Deputados, endossa as aspirações legítimas de governar a unidade federativa a que serve no Congresso, atento aos interesses maiores da capital da República. Seu futuro está, portanto, delineado em traços fortes.

Em Brasília desde 1961, quer

ro o melhor para a minha cidade. Quero o melhor para o meu estado, iniciativas urgentes

e na medida de uma problemática acentuada pelo erro de o Brasil não ter cumprido o dispositivo constitucional centenário: construir uma cidade para sediar os poderes republicanos. Foi

Só não

admite a

força

da

candidatura

Valmir

quem

é jejuno

nas coisas

brasilienses

acentuada pelo erro de o Brasil não ter cumprido o dispositivo constitucional centenário: construir uma cidade para sediar os poderes republicanos. Foi ao exagero de criar nova unidade federativa.

Não houve hoje uma neurose aguda em matéria de campanha política - tudo é proibido, até entregar ao público obras reclamadas de velho -, eu me declararia eleitor de Valmir Campelo. E também de Márcia, de Arruda, de Eurides, de Dalmo. Mas, avesso à enxovia, mantendo a boca fechada, igual a um americano cauteloso ao invocar a Quinta Emenda.